

 HARLEQUIN®



Kate Hewitt

Da ira ao amor
~ . ~
O príncipe sonhado

Dois
em
um

Tiffany™

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Avenida de Burgos, 8B
28036 Madrid

© 2022 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins
Ibérica, S.A.

N.º 82 - agosto 2022

© 2008 Kate Hewitt

Da ira ao amor

Título original: The Italian's Bought Bride

Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2013 Kate Hewitt

O príncipe sonhado

Título original: The Prince She Never Knew

Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

Estes títulos foram publicados originalmente em português
em 2009 e 2015

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em
vigor, incluindo os

de reprodução, total ou parcial. Esta edição foi publicada
com a autorização de

Harlequin Books S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e
situações são produto

da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e
qualquer semelhança

com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de
negócios (comerciais),

acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Tiffany e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países. Imagens de portada utilizadas com a permissão de Dreamstime.com.

I.S.B.N.: 978-84-1105-930-5

Sumário

Créditos
Sumário

Da ira ao amor

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

O príncipe sonhado

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12

Se gostou deste livro...

Kate Hewitt

Da ira ao amor

Tiffany™

Capítulo 1

Stefano Capozzi estava no consultório de um dos psiquiatras mais prestigiados de Milão, com os olhos brilhantes e uma expressão que parecia de pedra.

- Já passaram oito meses - disse Stefano. - Fez todos os tratamentos possíveis e não houve nenhuma mudança.

Renaldo Speri, que tinha o relatório em cima da secretária, sorriu compreensivamente.

- Não pode esperar uma cura milagrosa, *signor* Capozzi. É possível que não haja cura alguma - acrescentou, olhando para Stefano.

Stefano abanou a cabeça.

- Não vou desistir.

Fora para Milão à procura do melhor terapeuta para a criança que tinha a seu cargo e ia conseguir.

Speri passou a mão pelo cabelo e suspirou.

- *Signor* Capozzi, tem de pensar na possibilidade de Lucio estar afectado por uma desordem generalizada do desenvolvimento...

- Não.

Lucio estava em silêncio há oito meses, porém, ele não ia aceitar que continuasse assim. Estava habituado a obstáculos e os pessoais não podiam ser diferentes nem mais difíceis do que os profissionais.

- Lucio era normal antes de o seu pai ter morrido. Era como outro menino qualquer...

- O autismo manifesta-se com frequência aos três anos de idade... - explicou Speri. - Lucio já falava muito pouco antes da morte do seu pai e perdeu completamente a capacidade de comunicar nos meses posteriores.

Stefano arqueou uma sobrancelha em sinal de cepticismo.

- E quer convencer-me de que ambas as coisas não estão relacionadas?

- Estou a tentar dizer-lhe que é uma possibilidade - respondeu Speri com a voz tensa. - Por mais que seja difícil de aceitar.

Stefano ficou em silêncio um momento.

- Não há cura para o autismo - disse, finalmente.

Stefano já sabia disso. Lera e vira todas as estatísticas.

- Há terapias e medicação que aliviam os sintomas - disse Speri, serenamente. - Depende da fase da doença em que se encontra...

- Não está em fase nenhuma.

- *Signor...*

- Não vou conformar-me com isto - disse Stefano, olhando para o psiquiatra.

Depois de um momento, Speri levantou as suas mãos num gesto de derrota.

- *Signor* Capozzi, já tentámos todo o tipo de terapias e, como deve recordar, não houve mudança alguma. Lucio está cada vez mais perdido no seu mundo. Se este fosse um caso normal de luto...

- O que tem de normal um luto?

- O processo de luto é normal - disse Speri. - E bem aceite. Mas o comportamento de Lucio não é normal e, depois das terapias, devia haver sinais de melhoria na comunicação e não houve nenhum.

No seu colo, fora do alcance do olhar do médico, Stefano apertou a mão.

- Eu sei.

- Então aceite que o menino pode estar nas primeiras fases do autismo e nas terapias e tratamentos adequados!

Stefano ficou em silêncio. Apoiou a mão na secretária deliberadamente. Quando a mãe de Lucio, Bianca, lhe pedira ajuda e que fosse a Milão e dissesse a «esses

médicos» que o seu filho não era autista, Stefano aceitara. Confiara no critério de Bianca na altura, contudo, agora, começava a sentir dúvidas.

Faria qualquer coisa por Bianca, qualquer coisa por Lucio. A sua família salvara-o anos antes, tirara-o da lama na sua infância e dera-lhe as ferramentas para ser o homem que era naquele momento.

Ele nunca esqueceria isso.

- Deve haver alguma coisa que não tenhamos tentado - disse Stefano finalmente. - Antes de aceitarmos este diagnóstico.

- Os psiquiatras envolvidos num diagnóstico de autismo são muito conscienciosos - disse Speri. - E competentes. Não formulam um julgamento como este de ânimo leve.

- Está bem. No entanto... Pode fazer-se mais alguma coisa?

Speri ficou em silêncio por um momento.

- Sim - disse, finalmente. - Há uma terapeuta que teve sucesso com um menino a quem tinha sido diagnosticado autismo. Um diagnóstico erróneo, aparentemente. O menino sofrera um trauma que os especialistas não tinham detectado e, quando se descobriu, o menino recuperou a fala.

Stefano sentiu uma pontada de esperança.

- Então, Lucio pode ser um caso como o desse menino? - perguntou.

- Não quero dar-lhe falsas esperanças - disse Speri, céptico. - Aquele foi um caso excepcional...

Stefano interrompeu-o.

- Quem é a terapeuta?

- É uma terapeuta que trabalha através da arte - respondeu Speri. - Com frequência, as terapias criativas ajudam os meninos a expressarem emoções e lembranças reprimidas, que era o caso deste menino. No entanto, os sintomas de Lucio são mais graves...

- Terapias criativas... - repetiu Stefano. Não gostou da forma como aquilo soava. Parecia abstracto, absurdo. - O que quer dizer exactamente?

- A terapeuta usa a arte como via para expressar os sentimentos, quer seja através da pintura, da música ou da representação. Em alguns casos, a arte pode ser a chave para libertar as emoções de uma criança.

«Libertar», pensou Stefano. Era uma palavra que lhe parecia apropriada quando recordava o rosto inexpressivo de Lucio e o seu olhar vazio. Há quase um ano que não pronunciava uma única palavra.

- Está bem, então. Vamos tentar isso. Quero que essa terapeuta cuide do caso de Lucio.

- Este foi um caso único... - começou a dizer Speri.

Stefano silenciou-o levantando a mão.

- Quero entrar em contacto com essa terapeuta.

- Vive em Londres. Descobri o caso através de uma revista de psiquiatria e mantive contacto brevemente com ela. Mas não sei...

- É inglesa? - perguntou Stefano, decepcionado.

De que poderia servir a Lucio uma terapeuta inglesa?

- Não, não a teria mencionado se assim fosse. É italiana, mas há muito tempo que não vive na Itália.

- Virá para cá - disse Stefano firmemente.

Ele certificar-se-ia disso. Oferecer-lhe-ia todos os incentivos de que ela precisasse.

- Quanto tempo trabalhou com esse outro menino?

- Alguns meses...

- Então quero que esteja em Abruzzo, com Lucio, o mais depressa possível - Stefano falou com uma segurança que impressionou o psiquiatra.

- *Signor* Capozzi, ela deve ter outros pacientes, responsabilidades...

- Pode desfazer-se deles.

- Não é assim tão simples.

- Sim, é. Será muito simples. Lucio não pode sair daqui pois ficaria muito perturbado. A psiquiatra virá para Abruzzo e ficará lá.

Speri mexeu-se no assento, incomodado.

- Terá de negociar com ela, é claro. Uma terapia tão intensa poderia ser muito benéfica, embora não haja garantias, mas pode ser muito cara...

- O dinheiro não é problema - disse Stefano.

- Naturalmente - Speri olhou para os seus dados.

Stefano sabia que o médico conhecia o seu currículo: Stefano Capozzi, fundador da Capozzi Electrónica e comprador de uma dúzia de empresas electrónicas com problemas. Não tinha concorrência.

- Vou dar-lhe os dados da terapeuta - suspirou Speri. - Tenho o seu artigo sobre o caso que lhe mencionei aqui, no meu escritório. Ela é jovem, fez o seu estágio há muito pouco tempo e tem relativamente pouca experiência. Mas é claro que aquele caso foi notório...

- Esse menino recuperou? Voltou a falar? - perguntou Stefano.

Viu o brilho de compaixão, ou pena, nos olhos do psiquiatra.

- Sim - disse Speri, serenamente. - Mas não é assim tão simples, *signor* Capozzi. Lucio poderia ser diferente. Poderia ser...

- Dê-me os dados da terapeuta, por favor...

Ele não esperava que as coisas fossem simples. Apenas queria que comesçassem.

- Um momento... Ah! Aqui está o artigo que lhe mencionei - sorriu e deu a Stefano a revista de psiquiatria, aberta no artigo. - Aqui está a terapeuta... Uma fotografia muito bonita, não acha? Chama-se Allegra Avesti...

Stefano não ouviu a última coisa que Speri disse, porque não era preciso. Conhecia o nome da mulher. Conhecia-a.

Ou, pelo menos, conhecera-a.

Allegra Avesti. A mulher que devia ter sido a sua esposa. A mulher que já não conhecia.

A sua preocupação por Lucio desapareceu da sua mente por um momento, enquanto olhava para a fotografia e lia a legenda: Allegra Avesti, Terapeuta através da arte, com o seu paciente.

A mente de Stefano foi invadida pelas lembranças. No entanto, ele reprimiu-as, enquanto dirigia o olhar para a fotografia. Viu que ela estava mais madura, mais magra. Estava a sorrir na fotografia, com os seus olhos castanhos brilhantes, enquanto olhava para a criança que tinha ao seu lado, em cujas mãos tinha um pedaço de argila.

A sua cabeça estava inclinada para um lado e o seu cabelo era uma cascata luminosa e dourada, apanhado num coque, do qual fugiam algumas madeixas que rodeavam a sua face e o seu ombro.

Os seus olhos brilhavam e tinha um sorriso enorme, cheio de esperança. Quase conseguia ouvir a sua alegria. Tinha covinhas nas faces, reparou. Nunca reparara nisso antes. Seria possível que nunca se tivesse rido assim na sua presença?

Talvez não.

Stefano olhou para a fotografia. O fantasma de uma rapariga que conhecera uma vez, a imagem de uma mulher que não conhecia.

Allegra.

A sua Allegra... Contudo, já não era sua e sabia disso. Soubera quando ela desaparecera. Para sempre.

Stefano fechou a revista e deu-a a Speri. Pensou em Lucio. Apenas em Lucio.

- Uma fotografia muito bonita, sim - disse Stefano. - Vou entrar em contacto com ela.

Speri assentiu.

- Se por alguma razão ela estiver ocupada, falaremos de possíveis alternativas... - comentou o psiquiatra.

Stefano assentiu bruscamente. Sabia que Allegra não estaria ocupada. Ele certificar-se-ia disso. Se ela era a melhor terapeuta para Lucio, então ele tê-la-ia.

Embora se tratasse de Allegra.

O passado não importaria se se tratava de ajudar Lucio. O passado não importava nada.

Allegra Avesti viu-se ao espelho da casa de banho de senhoras no hotel Dorchester e fez uma careta de desgosto. Quisera apanhar o cabelo num coque descuidado e elegante, contudo, aparentemente, apenas conseguira realizar a primeira parte do plano.

Pelo menos, o seu vestido estava bem, reflectiu com satisfação. Um vestido de seda cinzento, com um decote amplo e duas alças finas. Era elegante e sexy, sem ser demasiado atrevido.

Custara uma fortuna, muito mais do que ela podia pagar com o seu salário de terapeuta. No entanto, queria estar elegante para o casamento da sua prima Daphne. Queria sentir-se bem.

Como se encaixasse naquele ambiente.

Porém, ela sabia que não encaixava. Sinceramente, não. Não desde a noite em que ela desistira do seu casamento e deixara toda a gente plantada.

Com um pequeno suspiro, agarrou no seu batom. Nunca pensava naquela noite. Decidira não pensar mais nela, no sonho destruído, no coração partido. Na traição, no medo.

No entanto, o casamento da sua prima trouxera-lhe a lembrança do seu próprio «quase» casamento. Tivera de fazer um grande esforço para voltar a guardá-la na caixa onde queria guardar essas lembranças. Essa vida.

O casamento fora bonito, uma cerimónia iluminada com velas numa pequena igreja de Londres. Daphne, com o seu rosto em forma de coração, a sua voz suave e o seu cabelo escuro e sedoso, estava bonita. O seu marido, uma pessoa

de muito talento e ambição numa empresa publicitária, parecia-lhe um homem demasiado seguro para o gosto de Allegra. No entanto, ela esperava que a sua prima tivesse encontrado a felicidade. O amor. Se é que essas coisas conseguiam encontrar-se.

No entanto, durante a cerimónia, ela ouvira as promessas de casamento com um cinismo pouco dissimulado.

- «Promete amá-la, honrá-la e protegê-la, e ser-lhe fiel até que a morte vos separe?»

Quando ouvira aquelas palavras Allegra não conseguira evitar pensar no seu próprio casamento, o casamento que nunca acontecera, as promessas que ela não pronunciara.

Stefano não a amara, não a honrara... Tê-la-ia protegido? Sim, pensou cinicamente. Isso, sim. Teria sido fiel? Duvidava muito.

Contudo, ela ainda sentira, sentada naquela igreja tenuemente iluminada, uma pontada de saudade não identificável, alguma coisa como um arrependimento.

Contudo, ela não se arrependia de nada. Certamente, não lamentava ter deixado Stefano. Embora o seu tio, e algumas vezes a sociedade, parecesse culpá-la por aquele fiasco. Porém, Allegra sabia que o fiasco teria sido ficar com ele.

Por sorte, era livre, disse para si firmemente. Era livre e feliz.

Allegra afastou-se do espelho. Sobrevivera ao casamento de Daphne, escondendo-se inúmeras vezes para que não pudessem encurralá-la com perguntas. Não estava com espírito para socializar. Estava um pouco melancólica e não tinha vontade de conversar, rir-se e dançar.

Fora ao casamento por Daphne e pela sua tia Barbara, que adorava, no entanto, a sua relação com o seu tio George sempre fora tensa.

Quase não falara com o seu tio desde que fora viver para Londres, sete anos antes. Ela refugiara-se brevemente em casa do seu tio quando fugira de Itália e as escassas

conversas que tivera com ele tinham sido, no mínimo, incómodas.

Allegra endireitou-se e saiu da casa de banho. Fora um dia exaustivo. Passara o dia todo no hospital, atendendo caso atrás de caso sem esperança. Não tivera tempo para descansar.

O copo-d'água celebrava-se na sala Orchid Room, com as suas paredes pintadas de azul e o seu tecto ornamentado. Tinham contratado um quarteto de cordas, que se encontrava perto da pista de dança, e os empregados circulavam com bandejas de champanhe.

Allegra olhou para as pessoas e levantou o queixo. Não estava habituada àquilo. Ela nunca ia a festas.

A última festa a que assistira, uma festa como aquela, com toda a sociedade presente, fora a do seu noivado. Ela levara um vestido cor-de-rosa e uns sapatos de salto de agulha que a tinham magoado nos pés. Contudo, estivera tão feliz... Tão entusiasmada.

Allegra abanou a cabeça para apagar aquele pensamento, aquela lembrança.

Porque permitia que aquelas lembranças penetrassem na sua memória como fantasmas de outra vida?

Porque se lembrava daqueles dias naquele momento?

Devia ser por causa do casamento da sua prima, pensou. Era o primeiro casamento a que assistia depois de ter desistido do seu.

«Esquece», disse para si e depois pegou num copo de champanhe e abriu caminho entre as pessoas. O casamento da sua prima estava destinado a revolver algumas lembranças desagradáveis. Era por isso que se sentia assim.

Allegra bebeu um gole de champanhe, deixou que as borbulhas lhe fizessem cócegas na garganta e olhou para a multidão.

- Allegra... Fico tão contente que tenhas podido vir...

Allegra virou-se e viu a sua tia Barbara, sorrindo. Levava um vestido amarelo.

Allegra sorriu.

- Eu também fico contente por estar aqui - respondeu ela, não muito sinceramente. - Estou tão feliz por Daphne...

- Sim... Vão ser muito felizes, não achas? - respondeu a sua tia, olhando para a sua filha, que estava a conversar e a sorrir ao seu marido, que lhe rodeava os ombros com o seu braço.

- Receio que não sei muito sobre o noivo - disse Allegra, bebendo outro gole de champanhe. - O seu nome é Charles, não é?

- Charles Edmunds. Conheceram-se no trabalho. Sabias que Daphne foi secretária na Hobbs and Ford, não sabias?

Allegra assentiu.

Embora o seu tio não quisesse que Allegra continuasse a manter contacto com a sua família, ainda falava por telefone com Barbara de vez em quando e Daphne desafiara o seu pai várias vezes, combinando ir almoçar com Allegra.

Allegra soubera num desses encontros que Daphne tinha um trabalho como secretária numa empresa de publicidade, apesar da sua evidente falta de qualificações. As do seu pai, aparentemente, tinham sido suficientes.

- Fico muito feliz por eles - disse Allegra, vendo Charles a sorrir à sua esposa.

Depois viu-a a olhar para a sala com um olhar frio, de ferro. Estaria à procura de contactos de negócios? Sócios?, perguntou-se Allegra cinicamente.

Charles Edmunds era um homem como a maioria deles: frio e ambicioso.

- Barbara! - exclamou o seu tio com um tom cortante. Allegra e a sua tia ficaram tensas, enquanto George Mason caminhava para elas, com uma expressão de desagrado, enquanto olhava para a sua sobrinha.

- Barbara, devias ocupar-te dos convidados - ordenou à sua mulher.

Barbara esboçou um sorriso a Allegra.

- Fico contente por te ver, Allegra - murmurou Barbara. - Não te vemos com frequência - indicou num tom desafiante diante do seu marido.

Depois Barbara afastou-se.

Houve um momento de silêncio e Allegra perguntou-se o que podia dizer a um homem que sete anos antes a expulsara de casa. Nas poucas vezes em que o vira desde então, em ocasiões excepcionais familiares, tinham-se evitado.

Agora estavam cara a cara.

O seu tio estava como sempre, pensou, enquanto olhava para ele distraidamente. Magro, com o cabelo grisalho, bem vestido, perfeito. Olhos frios e boca escura. Nada de humor.

- Obrigada por me teres convidado, tio George - disse, finalmente, Allegra. - Foi muito atencioso da tua parte.

- Tinha de te convidar, Allegra - respondeu George. - És família, embora não te tenhas comportado como tal nos últimos sete anos.

Allegra teve de se conter para não lhe responder. Não fora ela quem o expulsara, nem quem fizera com que o contacto com a sua família fosse tão difícil.

Fugir fora o seu erro e o seu tio não parava de lho recordar.

Porque, quando fugira, o envergonhara. Allegra ainda recordava a fúria do seu tio quando ela aparecera, aterrada e exausta, na sua casa.

- Podes ficar esta noite - dissera-lhe. - Mas depois tens de te ir embora.

- O teu tio tem negócios com Stefano Capozzi - explicara a sua tia, desesperada porque o compreendesse e não o julgasse. - Se souber que te ajudou, Capozzi pode fazer a vida muito desagradável ao teu tio, Allegra. A todos nós.

Fora uma visão desagradável do seu ex-noivo. Ela perguntara-se então se Stefano a perseguiria, se lhe faria a vida desagradável.

No entanto, ele não o fizera. Que ela soubesse, também não fizera a vida impossível ao seu tio.

Às vezes, perguntava-se se aquela não teria sido uma desculpa conveniente para que o seu tio se livrasse dela, sobretudo porque a sua fuga fora rapidamente seguida pela da sua mãe.

A sua mãe... Outra pessoa que Allegra não queria recordar.

- Eu precisei de ajuda e tu ajudaste-me, por isso estarei eternamente agradecida - disse Allegra.

- E vais demonstrar-me isso, afastando-te da minha vida - disse George friamente. - E da vida de Daphne. A tua prima já está bastante nervosa para que tu...

Allegra sentiu raiva.

- Certamente não quero causar nenhum mal-estar à minha prima. Vou cumprimentá-la e vou-me embora o mais depressa possível.

- Ótimo - respondeu ele antes de se afastar.

Allegra endireitou-se orgulhosamente. Sentia-se como se toda a gente estivesse a olhar para ela, a condená-la, embora ela soubesse que ninguém queria saber.

Excepto o seu tio e a sua família.

Passou um empregado e Allegra deixou o copo na bandeja.

Murmurou umas desculpas enquanto se mexia por entre as pessoas e procurou um canto da sala onde pudesse esconder-se, atrás de uma palmeira.

Respirou fundo e olhou para as pessoas. Ninguém estava a prestar-lhe atenção, porque ela não era importante. O facto de ter saído da Itália há sete anos não era motivo de preocupação ou de mexerico naquele momento.

Ela estivera afastada da alta sociedade nos últimos anos. Tinha dois trabalhos para pagar os estudos e vivia longe,

muito longe, daquela multidão glamorosa e do seu estilo de vida.

No entanto, as pessoas que a conheciam, que deviam amá-la... Ainda se sentia afectada pelo que acontecera sete anos antes e seria sempre assim.

Contudo, aquilo não tinha relevância na sua nova vida, uma vida de que gostava muito. Ao partir naquela noite, sete anos antes, ela ganhara a sua liberdade, no entanto, o preço fora muito alto.

Fora um preço que valera a pena.

A música foi ficando mais baixa e Allegra viu que toda a gente voltava para as suas mesas. Iam servir o jantar.

Suspirou novamente e aproximou-se das pessoas para encontrar o cartão com o seu nome nas mesas. Tinham-na posto com um grupo que parecia tão incomodado como ela. Familiares distantes, que significavam um desconforto, colegas de trabalho e amigos que era preciso convidar, embora não fossem peças fundamentais na festa deslumbrante que George Mason organizara para a sua adorada filha.

Uma terapeuta através da arte com um passado com má reputação caía nessa categoria, pensou Allegra.

Cumprimentou as pessoas e ocupou o seu lugar entre uma mulher gordinha e um homem de negócios.

A refeição decorreu entre conversas simples e silêncios desconfortáveis.

Allegra perguntou-se quanto tempo mais teria de aguentar ali.

Queria ver Daphne, no entanto, com o seu marido ao lado não pensava que pudessem ter uma conversa à-vontade.

Os empregados levantaram os pratos e o seu tio levantou-se para falar. Elogiou Charles Edmunds e fez brincadeiras sobre os negócios.

Pouco depois, a música começou a tocar outra vez e Allegra desculpou-se e saiu da mesa antes que alguém pudesse convidá-la para dançar. O assistente do escritório

de Charles estivera a observá-la com interesse e ela não estava minimamente interessada nele.

Allegra misturou-se com as pessoas.

Daphne estava ao lado do seu marido, reluzente.

- Olá, Daphne! - cumprimentou Allegra.

A sua prima, com quem passara vários Verões íntimos na Itália, agora olhava para ela com uma expressão preocupada.

- Olá, Allegra! - cumprimentou Daphne depois de um momento, virando o seu olhar para o seu marido. - Já conheces Charles?

Charles Edmunds sorriu friamente.

- Sim, a tua prima veio à nossa festa de noivado. Não te lembras, querida?

Charles falou como se ela tivesse estragado a festa.

- Daphne, só queria dar-te os parabéns - disse Allegra. - Receio que terei de me ir embora mais cedo...

- Oh, Allegra... - Daphne olhou para ela com uma expressão de alívio e de pena ao mesmo tempo. - Lamento muito...

- Não te preocupes. De qualquer forma, estou muito cansada. Tive um dia exaustivo.

- Obrigada - sussurrou Daphne.

Allegra perguntou-se porque lhe agradecia a sua prima. Por ter ido ao casamento? Por se ir embora mais cedo? Ou simplesmente por não ter feito uma cena?

Como se ela fizesse cenas. Apenas fizera uma cena uma vez e não tinha intenção de voltar a fazê-lo.

- Adeus - murmurou e rapidamente deu um beijo à sua prima.

Foi para o hall e dirigiu-se para o guarda-roupa. Entregou o número à mulher e esperou que esta encontrasse o seu casaco barato, entre os xailes e casacos luxuosos.

- Aqui tem, menina.

- Obrigada.

Estava a vesti-lo quando ouviu uma voz, uma voz segura e fria, que penetrou nos seus sentidos, na sua memória e na sua alma.

Todas as lembranças surgiram na sua mente ao ouvi-la.

- Olá, Allegra - disse Stefano.

Capítulo 2

Sete anos antes...

No dia seguinte era o seu casamento, um dia de vestidos de renda e beijos, de magia, de promessas, de alegria.

Allegra pôs a mão no coração. Fora da *villa* toscana, já anoitecera.

Lá dentro, um candeeiro desenhava silhuetas de luz e sombras. Allegra olhou para o quarto da sua infância: as almofadas cor-de-rosa e os ursinhos de peluche apertados na sua cama de menina, os livros infantis emprestados pelos seus primos ingleses, os seus desenhos infantis emoldurados pela sua ama e, por último, o seu vestido de noiva.

Riu-se de alegria. Ia casar-se!

Conhecera Stefano Capozzi treze meses antes, na festa em que celebrava o seu décimo oitavo aniversário. Vira-o quando descia as escadas com os seus sapatos de salto alto novos. Ele estivera à espera com os seus olhos castanhos cheios de promessas e estendera-lhe uma mão.

Ela aceitara a sua mão tão naturalmente como se o conhecesse, como se tivesse esperado que ele estivesse ali. Quando ele a convidara para dançar, ela simplesmente correria para os seus braços.

Fora tão fácil...

Desde então, nunca houvera nenhum problema. Stefano pedira-lhe para sair imensas vezes, tinham ido a restaurantes e ao teatro e a algumas festas locais. Escrevera-lhe cartas desde Paris e Roma, quando estivera em viagem por motivos de negócios, e enviara-lhe flores...

Depois pedira-lhe que se casasse com ele, que fosse a sua esposa.

Ela riu-se tolamente ao pensar nisso.

Ouviu umas vozes pela janela e olhou.

Um casal estava a beijar-se apaixonadamente. Ele estava a beijar o pescoço dela. Stefano nunca a beijara assim, pensou.

Sempre se comportara de forma cavalheiresca com ela. Beijava-a castamente, quase fraternalmente. No entanto, o toque dos seus lábios fazia com que tremesse...

Sentiu um calor nas faces e desejou ver Stefano. Queria dizer-lhe... O quê?

Que o amava? Nunca lho dissera. Nem ele. Porém, isso não importava. Certamente, ele adivinhava-o nos seus olhos cada vez que olhava para ele. Quanto a Stefano... Como podia duvidar? Ele convidava-a para sair, cortejava-a. É claro que Stefano a amava.

No entanto, ela queria vê-lo, falar com ele, tocar-lhe.

Sentiu que ficava corada e afastou-se da janela.

Apenas vira Stefano sem camisa uma vez, quando tinham ido nadar para o lago. Então vira o seu peito nu, bronzeado e musculado, e depois desviara o olhar.

No entanto, no dia seguinte iam casar-se. Iam ser amantes. Até ela, educada num colégio de freiras, sabia.

A sua mente tentou desviar-se das implicações, das impossibilidades. As imagens que surgiam no seu cérebro estavam imprecisas, estranhas.

No entanto queria vê-lo. Naquele momento.

Stefano era uma pessoa que gostava da noite. Não acreditava que estivesse na cama. Estaria no andar de baixo, no escritório do seu pai ou na biblioteca, a ler algum dos seus velhos livros.

Tentaria encontrá-lo.

Allegra respirou fundo e abriu a porta do seu quarto e caminhou pelo corredor. O ar de Setembro era fresco, embora talvez fosse ela que estivesse acalorada.

No hall, ouviu vozes vindas da biblioteca.

- A esta hora, amanhã, terás a tua esposa - disse o seu pai, Roberto. Parecia muito satisfeito.

- E você terá o que quer - respondeu Stefano.

Allegra tremeu ao ouvir a sua voz, fria, indiferente, distante.

Ela nunca o ouvira em semelhante tom.

- Sim. Este é um bom acordo de negócios para ambos, Stefano, filho...

- Sim, é verdade - disse Stefano. - Fico contente por se ter aproximado de mim.

- E não foi um mau preço, pois não? - acrescentou Roberto, rindo-se.

Allegra tremeu ao ouvir o tom de voz do seu pai ao falar dela.

- A mãe de Allegra criou-a bem - continuou Roberto. - Quando te tiver dado cinco ou seis filhos podes afastá-la - o seu pai riu-se outra vez. - Ela saberá qual é o seu lugar. E eu conheço uma mulher em Milão que é muito boa.

- Ah, sim?

Allegra não conseguia acreditar no que estava a ouvir.

De que estavam a falar?

«Acordo de negócios», um acordo. Uma mulher à venda.

Estavam a falar do seu casamento, pensou ela.

- Sim, é. Há muitos prazeres para um homem casado, Stefano.

Stefano respondeu com uma gargalhada.

- Acredito que sim.

Allegra fechou os olhos. Sentia-se enjoada.

Respirou fundo e tentou acalmar-se. Devia confiar. Devia haver alguma razão para que Stefano dissesse aquelas coisas. Se ela lhe perguntasse, tudo se esclareceria. Tudo voltaria a ser o mesmo.

- Allegra! O que estás a fazer aqui?

Ela abriu os olhos.

Stefano estava diante dela, com uma expressão de preocupação ou de desgosto?

- Eu... Não conseguia dormir.

- Demasiado excitada, *florina*? - Stefano sorriu.

Allegra perguntou-se se o que via nele era arrogância e não ternura.

- Dentro de menos de doze horas, seremos marido e mulher. Não podias esperar? - Stefano segurou-lhe na face com a mão e deslizou o seu polegar para lhe acariciar os lábios. A boca dela entreabriu-se involuntariamente e o sorriso de Stefano tornou-se mais profundo. - Vai para a cama, Allegra. Sonha comigo.

Depois Stefano desceu a mão e foi-se embora.

Allegra observou-o a afastar-se.

- Amas-me? - perguntou Allegra.

Assim que fez a pergunta, desejou ter engolido as suas palavras, pois tinham soado desesperadas, implorantes, patéticas.

No entanto, era uma pergunta razoável, não era? Iam casar-se.

No entanto, ao ver a expressão de Stefano, a tensão do seu corpo, ela sentiu que não era.

- Allegra? - perguntou suavemente.

- Ouvi-te a conversar com o meu pai... - sussurrou ela.

A expressão de Stefano mudou e ela viu o seu olhar duro.

- Negócios, Allegra, negócios entre homens. Não é nada que te diga respeito.

- Parecias... Parecias tão...

- Tão o quê?

- Frio - respondeu ela.

Stefano levantou as sobrancelhas.

- O que estás a tentar dizer-me, Allegra? Arrependeste-te?

- Não! Stefano, só me perguntava... As coisas que disseste...

- Duvidas que cuide de ti? De que te proteja e te dê o que precisas? - perguntou ele.

- Não - disse rapidamente Allegra. - Mas, Stefano, eu quero mais do que isso. Quero...

Ele abanou a cabeça.

- O que queres mais?

Allegra olhou para ele, surpreendida. Ela queria muito mais. Esperava amabilidade, respeito, honestidade. Queria partilhar a alegria e a felicidade, assim como as tristezas e a dor. Queria que se apoiassem mutuamente.

Contudo, ela viu a frieza de Stefano e soube que ele não estava pensar o mesmo que ela.

Aquelas coisas não existiam para ele.

- Mas Stefano...

Stefano levantou uma mão para que não continuasse.

- Estás a questionar o tipo de homem que sou? - perguntou finalmente num tom desumano.

- Não! - exclamou Allegra, sentindo que era o que estava a fazer.

Stefano ficou em silêncio por um momento, olhando para ela.

Allegra apercebeu-se de que ele estava a tratá-la como uma menina que precisava de castigar ou acalmar.

Então apercebeu-se de que ele a tratava sempre assim. Não como uma mulher ou uma esposa, mas como uma criança.

- Vai para a cama, Allegra - Stefano afastou-lhe uma madeixa de cabelo da cara e pô-la atrás da orelha. Depois acariciou-lhe a cara. - Vai para a cama, minha noiva. Amanhã é o nosso casamento. Um novo começo para nós.

- Sim... - sussurrou ela.

Embora tudo aquilo lhe parecesse um fim.

- Não tenhas medo.

Ela assentiu. Virou-se e subiu as escadas a correr.

- Allegra! - chamou a sua mãe, Isabel.

- Não conseguia dormir - disse Allegra, entrando no seu quarto.

A sua mãe foi atrás dela.

- O que se passa? - perguntou. - Parece que viste um fantasma!

- Não se passa nada - disse Allegra rapidamente. - Não conseguia dormir e fui beber um copo de água.

Isabel arqueou uma sobrancelha e Allegra ficou nervosa. Não tinha medo da sua mãe, porém, não conseguia evitar ficar nervosa. Depois de toda uma vida de amas e colégios internos, às vezes, perguntava-se se a conhecia.

A sua mãe observou o seu aspecto.

- Viste Stefano? - perguntou num tom inquisidor.

Allegra abanou a cabeça.

- Não, não o vi.

- Não me mintas, Allegra! - Isabel segurou-lhe no queixo com a mão. - Nunca conseguiste mentir-me. Viste-o. Mas, o que aconteceu? - e depois acrescentou com tom cruel. - O teu conto de fadas acabou, minha querida?

Allegra não compreendia o que a sua mãe queria dizer, no entanto, não gostava do seu tom. Mesmo assim, sentia-se indefesa e sozinha.

Precisava de confiar em alguém, mesmo que fosse a sua mãe.

- Vi Stefano - sussurrou Allegra, reprimindo as lágrimas.

- E? - perguntou a sua mãe depois de uma pausa.

- Ouvi-o a falar com o papá - Allegra fechou os olhos e abanou a cabeça.

- E então? - perguntou a sua mãe impacientemente.

- Foi tudo um acordo de negócios! Stefano nunca me amou.

A sua mãe olhou para ela com frieza.

- É claro que não.

Allegra ficou atónita enquanto lhe roubavam outra ilusão.

- Tu sabias? Soubeste sempre? - perguntou Allegra.